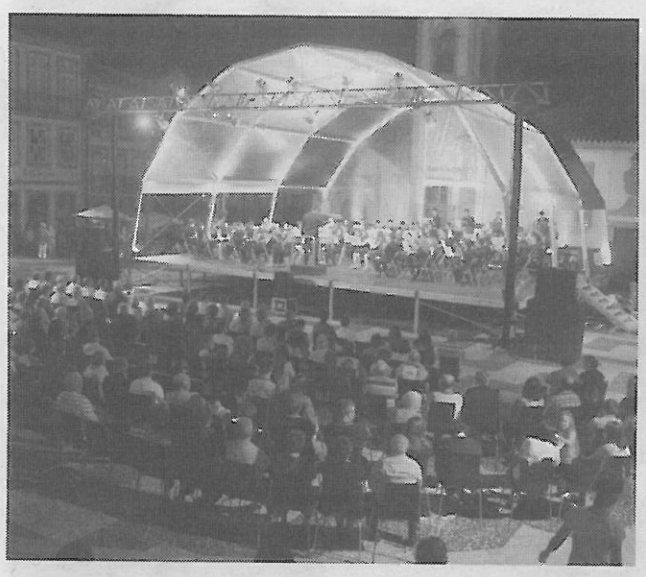
II Estágio de Orquestra terminou em concerto

Chegou ao fim o II Estágio de Orquestra de Sopros e Percussão, promovido pela Escola de Música da Banda Musical de Arouca. Esta iniciativa que decorreu de 29 de Agosto a 3 de Setembro contou com cerca de 80 jovens músicos oriundos de Arouca, Odivelas, Porto, S. João da Madeira, Vale de Cambra, Cinfães e Santa Maria da Feira. Ao longo de seis dias de trabalho, os participantes foram orientados pelos professores André Correia (madeiras), Daniel Dias (metais) e Leandro Teixeira (percussão), sob a direcção do Maestro Alberto Roque.

Esta iniciativa contou com uma actividade lúdica nas Piscinas Municipais de Arouca, onde os jovens músicos tiveram, também, a oportunidade de assistir ao treino da equipa profissional do Futebol Clube de Arouca.

O concerto de encerramento do II Estágio de Orquestra de Sopros e Percussão decorreu no passado dia 3 de Setembro, sábado, e demonstrou-se um sucesso. Depois de uma semana de trabalho intensiva, os cerca de 80 jovens músicos apresentaram-se na Praça Brandão de Vasconcelos, sob a direcção do maestro Alberto Roque, «**num grande concerto que demonstrou a qualidade artística destes jovens**», refere a organização. «**Este estágio tem sido um desafio para a Escola de Música da Banda Musical de Arouca, mas com o apoio da direcção da Banda e com os apoios dos nossos patrocinadores, o desafio é sempre superado com sucesso**».



VIATURAS USADAS
GARANTIA DOS CONCESSIONÁRIOS RENAULT
RENAULT
Noites & C.ª, L.da
AUTOMÓVEIS NOVOS E USADOS
REPARAÇÕES - PINTURAS - PEÇAS - ACESSÓRIOS
TEMOS UM STOCK DE VIATURAS REVISTAS PARA ENTREGA IMEDIATA E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO ESPECIAIS
ABERTO AO SÁBADO
Av. Reinaldo Noronha - ☎ 256.940.120/122 - Fax 256.940.129 - 4540-105 AROUCA

O QUE É E COMO É "VIVER AROUCA"?

A tertúlia da 'Círculo Cultura e Democracia' desdobrou-se com intervenções de diversos arouquenses presentes

No passado dia 26 de Agosto, realizou-se, na Casa dos Doces Conventuais de Arouca, uma tertúlia ao serão organizada pela Associação Círculo Cultura e Democracia, cuja temática incidiu em "Viver Arouca".

O tema da primeira tertúlia foi abrangente e aglutinou dezenas de arouquenses no debate, o que deu azo à partilha de histórias de vida, experiências de trabalho, assim como vivências de pessoas que, não sendo arouquenses de origem, se apegaram ao concelho.

O serão foi organizado por Josefina Brandão, Colette Costa e Marta Duarte, da associação organizadora, com a presença igualmente do seu coordenador, Manuel Brandão Alves.

No quadro de convidados figuravam Ana Cristina Martins, vice-presidente do Conjunto Etnográfico de Moldes, Artur Sá, Coordenador Científico do Geoparque Arouca e professor associado da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Jorge Gonçalves, professor catedrático e director do Laboratório de Farmacologia da Universidade do Porto, Lito Vidigal, treinador principal do Futebol Clube de Arouca, que não pôde estar presente, Manuel Sobrinho Simões, patologista, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e presidente do Ipatimup (Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto) e Samuel Gonçalves, arquitecto e criador do sistema Gomos.

A IMPORTÂNCIA DAS RAÍZES E O CUIDAR DA TERRA

Num encontro moderado por Colette Costa, foi Jorge Gonçalves o primeiro a tomar a palavra, refrescando as suas memórias pessoais: "Eu não nasci em Arouca, nasci no Hospital de Santo António, mas sou natural de Paços, Moldes. Há cinquenta anos atrás quem conhecia Arouca sabia que havia muito boas razões para se sair e os meus pais, depois de eu completar a segunda classe, saíram e, na altura, com muito poucas razões para voltar", e confessa a razão pela qual voltou à terra-mãe: "Voltei pela simpatia que sempre senti pelas pessoas que trabalham a dureza da terra e também pelo enorme potencial que as gentes arouquenses ainda hoje demonstram".

Jerónimo Martingo, arouquense a assistir ao evento, muito interventivo em toda a sessão, interviu, alertando para que uma vez que a terra e as raízes têm uma reconhecida importância, há que "saber cuidar da terra".

A (REFLORESTAÇÃO DA) SERRA DA FREITA

No seguimento, António Teixeira Coelho, com grande relação com a Serra da Freita, partilhou algumas ideias: "De que forma a Serra da Freita está relacionada com Arouca? A memória une-as. Um passado vivido com intensidade. A Serra da Freita era um paraíso não perdido, mas sim desejado e quanto mais desejado quanto mais difícil de lhe aceder era", recorda o ex-presbítero, concluindo de uma forma um tanto pesarosa quanto aguda: "Todavia, a verdade é que a Serra da Freita está efectivamente destruída, o que aconteceu foi uma tragédia autêntica e devíamos estar muito atentos, tendo em conta a floresta, a pecuária e o turismo. Muito do que já se tem feito ficou agora comprometido com este incêndio, mas esta tragédia é uma boa altura para se pensar nisso e na nossa cidadania de arouquenses e não incorrer em erros como erros passados que nos levaram até aqui...", alertou.

POTENCIAL AGRÍCOLA

"Existe em Arouca um forte potencial para a agricultura", defendeu Carina Silva, que experiência diariamente o que argumenta, no seu posto de trabalho, a loja "Arouca Agrícola": "A agricultura está presente, está viva. No meu posto de trabalho contacto directamente com as pessoas e eu, que não sou de cá, sinto que estas pessoas vivem Arouca mesmo, fazem tudo pela sua terra e para que chegue mais longe", asseverou.

AS TRADIÇÕES

Neste momento do serão, Colette Costa alterou o debate para outra direcção, com aprofundamento: "As raízes, para além da terra em si e enquanto naturalidade, são também as tradições", às quais Ana Cristina Martins dedica a sua actividade.

A vice-presidente do Conjunto Etnográfico de Moldes testemunhou: "Nasci em Arouca e moro em Arouca. Realmente, nunca pensei na possibilidade de sair, mesmo sabendo que, depois de uma formação superior, as probabilidades de arranjar emprego aqui seriam diminutas, mas acabei por ficar. Quando dei conta, já estava bastante envolvida com a minha terra, que era Moldes e com o contexto associativo, que é em Moldes, num povo muitas vezes amorfo, mas, quando mobilizado e motivado, são também parte activa deste território. Para mim viver Arouca é o associativismo, são as memórias e as tradições", admitiu Ana Cristina Martins, que aplicou toda uma vida à sua terra.

Depois de se falar das tradições e do conservadorismo, Jerónimo Martingo levantou outra questão: "Todos gostamos dos ranchos etnográficos e da etnografia que se fazia há cinquenta anos atrás. Aquilo correspondia a uma vivência real das pessoas que nós hoje celebramos. A pergunta que deixo é a seguinte: Qual será a vivência dos nossos filhos daqui a 20 anos. O que é que eles celebrarão?"

A Associação Círculo Cultura e Democracia organizou o "Viver Arouca"

A JUVENTUDE

Esta última pergunta foi norteadora de uma sequência de intervenções juvenis, começando por Pedro Dias, que se debruçou sobre o seu negócio, o "Pinguça" (um licor caseiro gourmet), e deu conta do nascimento e crescimento do projecto, primeiro no seio de um grupo de amigos da aldeia, depois o primeiro passo "com uma venda numa feira de Natal até ao significado além-fronteiras que hoje tem", contou.

Entretanto, uma jovem arouquense, Urtelinda Ramos, dirigiu-se aos presentes: "Sou da Farrapa, mesmo na divisão entre Arouca e Vale de Cambra, mas sempre me senti mais de Arouca, aqui há um qualquer espírito de união que paira no ar", partindo posteriormente para uma abordagem àquilo que foi o seu trajecto académico e profissional: "Licenciei-me em Biologia e, apesar de ter começado por trabalhar fora de Arouca, descobri que o que mais felicidade me dava era estabelecer uma complementariedade entre os meus conhecimentos e a sua aplicabilidade na minha terra, e encontrei-a hoje numa associação sediada no Casal-Chave, onde trabalho, a 'Semente do Futuro'", concluiu.

Colette Costa, no prosseguimento, registou da intervenção de Urtelinda Ramos a ideia de como se pode projectar o futuro com base no passado.

EMPREENDEDORISMO

E projectar o futuro é sinónimo de empreendedorismo. Empreendedor é Samuel Gonçalves. "Vejo em Arouca um espaço onde acontecem muitas coisas e muito rápido". O jovem, de seguida, deteve-se noutro assunto, o sistema Gomos, um sistema construtivo modular: "O projeto foi uma iniciativa de cooperação com a AECA (Associação Empresarial do Cambra e Arouca), que depois foi comparticipado pela Câmara Municipal e o sistema continua no mercado com todas as empresas inicialmente envolvidas. Há uma empresa-mãe que é responsável pela sua comercialização, a Farcimar. O projeto foi lançado há um ano e já temos uma exposição à escala global e uma implementação no mercado que é bastante efectiva". Gonçalves, num raciocínio abrangente, transpôs este seu sucesso para outras realidades comparáveis em Arouca: "Acho que isto acontece em Arouca noutras áreas. Veja-se o exemplo da marca 'Arouca Geopark', ou constrói-se um passadiço na margem de um rio, passados uns meses é um fenómeno à escala global, temos um clube que andava nas distritais e ontem [25 de Agosto] caiu de pé na Liga Europa", elogiou.

A EDUCAÇÃO E O "MINIFÚNDIO INTELECTUAL"

Foi chegada a vez de ouvir um dos mais ilustres convidados arouquenses, Manuel Sobrinho Simões, que revelou uma "riqueza" inigualável em Arouca. "Em pouquíssimas terras há tantas crianças como em Arouca, o que é excepcional". Todavia, o espanto do premiado patologista não fica por aqui: "Depois comecei a ver que a Escola Secundária de Arouca ganhava quase todos os prémios. Por último, no Ipatimup, passaram muitos excelentes alunos de Arouca, do melhor que tenho visto." Não obstante nem tudo são um mar de rosas e na hora de apontar críticas não se fez rogado: "Se tiver de identificar uma coisa muito triste em Arouca é o minifúndio, o minifúndio intelectual, cultural. Esta terra é muito ordinária nesse aspecto. E se vencermos essa coisa cultural do minifúndio creio que é difícil arranjar outra terra com estas condições de natureza cultural, tradicional e reais de muita gente nova com uma escola de primeira qualidade, a escola é fora de série e é fundamental manter isso", criticando desta forma o alegado pensamento minifundiário das gentes de

O encontro-debate aconteceu ao serão num estabelecimento de produtos regionais

Arouca, voltado para si e para a sua propriedade.

O GEOPARQUE, O SEU IMPACTO ECONÓMICO E O REORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

"Eu não sou de Arouca, mas foi fácil enamorar-me de Arouca. Eu vim pelas rochas, vim pelos segredos que elas encerram, que em muitos aspectos são únicas no mundo, mas aquilo que me faz sentir arouquense são as pessoas", começou por afirmar Artur Sá, passando depois para a abordagem ao geoparque em si, sem descurar os caminhos a trilhar no actual momento: "O território de Arouca é um geoparque mundial da Unesco, ou seja, 195 países reconhecem o concelho de Arouca um local excepcional. E hoje, inclusivamente, a Unesco está preocupada com o que se passou recentemente em Arouca, a Divisão das Ciências da Terra contactou a Missão Permanente de Portugal para que contactasse a Comissão Nacional da Unesco averiguando o que se estava a passar em Arouca. 70% da área do geoparque de Arouca ardeu. Aliás, há quatro anos, quando cá vieram os avaliadores da Unesco, uma das recomendações que deixaram foi que se pensasse no reordenamento do território. Hoje há uma oportunidade. O geoparque não é um projecto que nasceu no mandato do actual presidente e que vai morrer no fim do mandato, pelo que é um projecto de gerações e estou certo que o geoparque, o território, que é todo o concelho de Arouca, as pessoas, vão reagir a esta situação dramática e, com certeza, será um exemplo de boas práticas"

Seguidamente, Jerónimo Martingo interrogou Artur Sá acerca de qual a área correspondente ao geoparque e da legislação em vigor, assim como do impacto económico para o município.

"O geoparque não trouxe legislação nova, a legislação em vigor é a nacional. A única imposição foi a não destruição do património geológico e a sua não comercialização. Quanto ao impacto, em julho do próximo ano teremos os avaliadores da Unesco a fazer a avaliação de quatro em quatro anos. Já fizemos contas e o impacto económico estimado por macroindicadores reside numa verba de cerca de 15 milhões de euros por ano", esclareceu o coordenador científico do "Arouca Geopark".

REALIDADE EMPRESARIAL

Aproveitando o facto de se debater a questão do impacto económico, o presidente da AECA, Bruno Teixeira começou a sua intervenção por aí: "O impacto económico é notório. O concelho de Arouca tem empresas sobretudo na área dos serviços , da restauração e do comércio que tem acompanhado com investimento essa sensação de crescimento do turismo", passando posteriormente a expressar-se em linguagem mais empresarial: "O que tenho sentido na actividade da associação empresarial é que tem melhorado bastante e aprecio a estratégia, ou seja, conseguiu-se através dos fenómenos geológicos em Arouca criar uma estratégia de desenvolvimento. Encontramos assim um factor diferenciador e outro aspecto importante foi conseguir envolver as gentes no projecto. Da parte empresarial, estou disponível para trabalhar no que for necessário para o desenvolvimento do concelho", deixando desta forma declarado o apoio da associação a que preside.

O AFASTAMENTO ENTRE ASSOCIAÇÕES

Momentos houve de pedradas no charco ao longo da tertúlia, como é o caso da intervenção de Maria de Lurdes Fernandes, arouquense, professora catedrática na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que depois de discorrer sobre o orgulho arouquense - "Arouca não é uma terra de passagem, é uma terra de ida, de chegada. Portanto, quem vai a Arouca, vai mesmo a Arouca, senão terá sempre de enveredar pelos meandros da montanha. O orgulho de ser arouquense, o gosto pela terra é verdadeiramente difícil de explicar, isso vê-se no corporativismo"- não deixou de tocar com o dedo na ferida: "O que acho que é importante é conseguir por a dialogar umas associações umas com as outras, sem retirar a especificidade de cada uma delas. Temos de nos abstrair deste minifúndio cultural, tão próprio do Portugal do norte", concordando com a expressão usada por Sobrinho Simões.

"Arouca tem condições para se desenvolver como nunca teve porque não cometeu os erros de uma urbanização descontrolada e feia que vitimou os municípios da periferia. Não é já o espaço dos serranos, que os forasteiros depreciavam, mas sim um local com um riqueza ímpar", completou Jorge Gonçalves.

OS JOVENS, OUTRA VEZ

"Até que ponto o conservadorismo, as tradições podem ser reaproveitadas para o futuro? Como pode a inércia do conservadorismo contribuir para o desenvolvimento do município e para a nova geração?" Estas foram perguntas de André Gomes, estudante de Artes, que fizeram sobressair um terreno crítico por onde o serão enveredou no debate e na partilha, e obteve diferentes respostas.

"Eu achava que Arouca nada me tinha a dar, mas o que é certo é que foi aqui que comecei a minha actividade e grande parte dos meus parceiros profissionais estão em Arouca e fui buscar apoio para este início de carreira em associações que nada tinham que ver com a minha área de trabalho, ou seja, o que referiste também senti e já não sinto", disse Samuel Gonçalves.

"Não culpes os mais velhos", dirigiu-se Jorge Gonçalves a André Gomes, "tenho a certeza que os mais velhos terão o maior gosto em vos auxiliar. Portanto, para nós não há maior satisfação do que ver esse inconformismo juvenil", respondendo assim numa postura mais encorajadora. "E os jovens numa terra conservadora têm a particularidade de identificar o que é que é genuíno, o que é que é diferente e retomar o ciclo de diferenciação", rematou Maria de Lurdes Fernandes.

Por último, Luís Alexandre, jovem arqueólogo (com espaço de opinião no jornal RODA VIVA), expôs o seu trabalho e os seus pontos de vista: "Acho que todos devemos contribuir para o património. Vou dar o exemplo do meu projeto, o 'Arq 4 All', e da última actividade que fiz, uma visita encenada com o grupo de jovens de Moldes, onde reuni um grupo que queria ir a Roma. Então pegamos nas tradições da terra, em que o público, durante a sua caminhada, foi sendo surpreendido por várias encenações. Levamos o teatro conservador das casas rurais para o meio do monte para revitalizar os clichés das visitas guiadas. Quanto ao património cultural, estão a dar-se passos grandes, mas há que conservá-lo. Temos o museu, um ex-libris. Desde pequeno que lá vou e as peças são sempre as mesmas, os inventários não sei se são mudados, mas a impressão que dá é a de que não são. A cerca do mosteiro também podia ser revitalizada. A Unesco reconhecer o geoparque de Arouca, na minha opinião, não tem nenhum condicionante, mas temos outros mecanismos para os activar, como a Rede Natura 2000. Por se ter um território não quer dizer que se possa fazer o que bem se entender, não posso cortar as azinheiras que me apetecer, não posso destruir o património arqueológico que me apetecer. Realmente, se não preservarmos o nosso património, daqui a 30, 40 anos ele pouco existirá e os nossos jovens só jogarão Poké-mons", analisou.

No final, com a iniciativa interpeladora de Jorge Gonçalves, o desafio para a organização de uma próxima tertúlia foi lançado aos jovens, nomeadamente André Gomes, Luís Alexandre e Samuel Gonçalves.

Foi assim concluída a sessão com o envolvimento do mundo arouquense nas suas diferentes vidas e realidades, onde todos os temas, mais debatidos ou objectos de curtas referências foram aludidos. Primeiramente, sob o prisma do que Arouca dá ao seu povo, como sejam os fatores diferenciadores, quer humanos, geográficos ou urbanísticos, a qualidade do ensino, da cultura (a música, o teatro, a etnografia, o museu), das empresas, do turismo, da gastronomia, o potencial agrícola, das associações e do desporto; como também sob o prisma do que a população pode dar a Arouca, potencializar a agricultura, a reformulação da floresta, a inovação, uma rede inter-associativismo e finalmente as relações intergeracionais.

No final, RODA VIVA ouviu as três organizadoras do "Viver Arouca", o coordenador da Associação Círculo Cultura e Democracia, bem como o dono da Casa dos Doces Conventuais de Arouca, Manuel Bastos:

Colette Costa, membro da Associação Círculo Cultura e Democracia: "O tema desta tertúlia foi escolhido de forma a que todos estivessem representados e foi um projeto que requereu muitos contactos e muito trabalho. Nunca pensei que viessem tantos jovens e ainda por cima com tantas intervenções. Queríamos igualmente quebrar as barreiras entre as pessoas. Sinto que existe um sentimento de uma espécie de estatuto e de hierarquia nos arouquenses. Eu, que não sou de Arouca, mas conheço Arouca há mais de 40 anos, por vir primeiramente para aqui de férias, tenho essa sensibilidade mais acentuada."

Marta Duarte, membro da Associação Círculo Cultura e Democracia: "Este primeiro tema mais abrangente foi uma forma de percebermos quais os temas mais importantes de se abordar em futuras tertúlias. Era necessário um começo que integrasse toda a gente. Nos cabeças de cartaz tínhamos o Samuel também para dar esse sinal de que queríamos que os jovens tivessem parte activa no debate. Queríamos uma comunicação horizontal, sentirmo-nos iguais, como parte de um todo".

Josefina Brandão, membro da Associação Círculo Cultura e Democracia: "Eu casei-me com uma pessoa de Arouca, não sou de cá e portanto, sou 'outsider' e tenho o maior sentimento de receptividade em relação a Arouca e às suas gentes, quer o positivo, tentando potenciá-lo, quer o negativo, tentando mudá-lo. O encontro superou todas as expectativas no que à interacção dos arouquenses na sua diversidade diz respeito".

Manuel Brandão Alves, coordenador da Associação Círculo Cultura e Democracia: "Em primeiro lugar, queria agradecer ao Manuel Bastos a oportunidade de cá estarmos para refletir sobre o que é 'Viver Arouca' numa perspectiva de valorização do passado enquanto elemento gerador de futuro. Como é que nós podemos aproveitar todas estas coisas? Todas estas intervenções de diferentes pessoas de diferentes áreas são diferentes formas de se relacionar com as pessoas. Que este seja um princípio que faça jorrar rios de relação para um futuro feito de solidariedade. O novo formato da nossa iniciativa do Círculo permitia que se formasse um encontro em que as pessoas conversassem, o que é algo que não acontece com muita facilidade. Foi a primeira e, com certeza, que vamos ter outras com o mesmo formato. Que a roda continue viva".

Manuel Bastos, proprietário da Casa dos Doces Conventuais de Arouca: "Foi um evento muito interessante. Aliás, eu posso adiantar que a Casa nasceu com esta ideia, pelo que a associação antecipou-se a nós ou veio de encontro àquilo que eram as nossas propostas próprias, que eram eventos como tertúlias ou saraus. Foi realmente um vir concretizar de algo que queríamos que realmente acontecesse. O tempo da sessão foi bem passado, acho que até não se contava com tanto sucesso. A participação empenhada dos jovens não me surpreendeu e é um erro nosso surpreendermo-nos por isso. Eles estão muito mais atentos, muito mais interessados do que julgamos e eu louvo a associação também por isso porque foi de encontro a essa necessidade. Quanto à Casa dos Doces Conventuais, estará aberta a todo o tipo de eventos como este, sendo um espaço ligado à cultura e que vive Arouca na sua participação, na sua forma de preservar as receitas, os saberes e os sabores, virada à preservação e à inovação, ligada ao património material e imaterial de Arouca, portanto luta pela preservação do património e pela sua consequente continuação".

Ruben Tavares

rodaviva.pt 100% AROUCA